L-10
1977

16) NYCG89-I1981

Copy request [10:48pt 04-28-89]
From NYCG (Ernesto) to NYPG

Boletim da Sociedade de Estudos da Col_onia de Mo_cambique. -- Louren_co Marques : A Sociedade,
-- III,1934/pg.163-ff
Jorge,Thomas. "As aptidoes musicas dos indigenas de mocambique"

Borrower: Interlibrary Loans Section
Columbia University Libraries
535 West 114th Street
New York, NY 10027

Patron: Carvalho, João
Verified: ULS 5:3914
LCCN: sf836931
ID: NYCG89-I1981 L/C: C CR: CCL PST: G

# As aptidões musicais dos indígenas de Moçambique

pelo MAESTRO TOMÁS JORGE JÚNIOR

THIS MATERIAL MAY BE PROTECTED BY THE COPYRIGHT LAW (TITLE 17, U.S. CODE)

Com 14 anos de permanência na Colónia de Moçambique, tenho-me dedicado ao estudo das aptidões musicais dos seus indígenas, especialmente os dos distritos de Lourenço Marques, de raça Bantu e sub-raças Ba-ronga, Ba-tonga e Ba-chope, e de Quelimane, da mesma raça e sub-raças Ba-songa e Macuas. São êstes, com efeito, os que melhor conheço, não só pela minha permanente residência no primeiro daqueles distritos, como também pelo contacto, com êsses mesmos e os de Quelimane, a que as minhas próprias funções militares naturalmente obrigam.

É notado que os indígenas de Moçambique, independentemente de qualquer espécie de aprendizagem orientada, mostram certa vocação para determinados ramos de natureza artística, incluindo a pintura, embora sob um aspecto embrionário. Natural seria, pois, que da música se não alheassem também, especialmente sob a modalidade do *canto*, já que é esta a forma mais intuitiva de combinações de sons.

Com efeito, percorrendo-se quaisquer regiões onde os indígenas vivem mais afastados da civilização europeia, encontram-se freqüentemente, durante as suas festas e danças características, grupos, quer executando com perícia pequenos trechos musicais simplistas, em instrumentos rudimentares de percussão, marimbas, tambores, etc., quer entoando várias canções tradicionais.

Tem sido, pois, sôbre estas simples manifestações primitivas que têm incidido as minhas observações sôbre a vocação e aptidões naturais dos indígenas de Moçambique para a arte musical.

É evidente que, sem qualquer espécie de preparação artística,

# As aptidões musicais dos indígenas de Moçambique

pelo Maestro Tomás Jorge Júnior

THIS MATERIAL MAY BE PROTECTED BY THE COPYRIGHT LAW (TITLE 17, U.S. CODE)

Com 14 anos de permanência na Colónia de Moçambique, tenho-me dedicado ao estudo das aptidões musicais dos seus indígenas, especialmente os dos distritos de Lourenço Marques, de raça Bantu e sub-raças Ba-ronga, Ba-tonga e Ba-chope, e de Quelimane, da mesma raça e sub-raças Ba-songa e Macuas. São êstes, com efeito, os que melhor conheço, não só pela minha permanente residência no primeiro daqueles distritos, como também pelo contacto, com êsses mesmos e os de Quelimane, a que as minhas próprias funções militares naturalmente obrigam.

É notado que os indígenas de Moçambique, independentemente de qualquer espécie de aprendizagem orientada, mostram certa vocação para determinados ramos de natureza artística, incluindo a pintura, embora sob um aspecto embrionário. Natural seria, pois, que da música se não alheassem também, especialmente sob a modalidade do *canto*, já que é esta a forma mais intuitiva de combinações de sons.

Com efeito, percorrendo-se quaisquer regiões onde os indígenas vivem mais afastados da civilização europeia, encontram-se freqüentemente, durante as suas festas e danças características, grupos, quer executando com perícia pequenos trechos musicais simplistas, em instrumentos rudimentares de percussão, marimbas, tambores, etc., quer entoando várias canções tradicionais.

Tem sido, pois, sòbre estas simples manifestações primitivas que têm incidido as minhas observações sòbre a vocação e aptidões naturais dos indígenas de Moçambique para a arte musical.

É evidente que, sem qualquer espécie de preparação artística,

não poderiam constituir fragmentos musicais aceitos pela técnica, os trechos executados em tais instrumentos construidos sem obediência aos preceitos exigidos pela arte. E, com efeito, tendo transportado para a escrita os sons produzidos em alguns dêles, verifiquei que não dão nunca as escalas completas diatónicas, maiores, e ainda menos as menores — harmónica melódica — nem, conseqüentemente, as cromáticas, embora figurem algumas das suas notas naquelas escalas.

Impossível se torna, todavia, aceitar e classificar dentro das várias espécies de composição, as suas execuções, em conseqüência daquelas notas, por vezes exactas, a que me referi, serem sucessivamente alternadas por outros intervalos que a nossa técnica não admite.

Ora, o fenómeno que se observa nos seus instrumentos rudimentares nota-se, também, no canto em que aquelas escalas não são executadas em toda a sua extensão, embora nesta especialidade atinjam um grau de perfeição ligeiramente superior, por lhes ser, evidentemente, mais fácil a regularização das escalas pela emissão de sons vocais.

Há, também, a salientar que os tons menores nunca figuram nas suas canções, tendo verificado a sua negação absoluta para essas tonalidades.

Mas, a pesar de tais deficiências, não deixam de revelar certas qualidades aproveitáveis; alguns, mesmo, determinada vocação musical.

Ora são essas qualidades que, no conjunto da acção civilizadora dos portugueses em Moçambique, têm sido sucessivamente aperfeiçoadas, por intermédio das escolas rudimentares e primárias, escolas de artes e oficios, missões e unidades militares por onde anualmente transitam milhares de indigenss dos contingentes de recrutas que nelas recebem uma completa educação e instrução.

A organização do orfeão das praças da 5.ª Companhia Indigena, é pois, uma manifestação da actividade militar, normal, da Colónia, onde êsse ramo de ensino se acha previsto e tem execução. Não é, todavia, sem grandes dificuldades que tais conjuntos orfeónicos se conseguem, porquanto os organizadores, em regra têm que defrontar-se, no acto da encorporação nos serviços militares, com a geral incultura dos instruendos, a sua nula preparação artística e o desconhecimento da língua portuguesa.

Assim, após a escola das vozes feita ao piano para constituição dos diferentes naipes, só com o ensino individual muito exaustivo se obtem, de começo, algum rendimento, e, para tal, as explicações, muitas vezes, têm que ser dadas com o auxilio de intérpretes.

Foi, portanto, desta forma, que se conseguiu o conjunto orfeónico das praças indigenas de Moçambique que representa esta Colónia na Exposição Colonial do Pôrto, não deixando de ser

apreciável o seguinte programa que até à data, e num curto prazo, foi possível ensaiar:

*A* — Orfeão a 3 vozes:

*a)* Músicas portuguesas:

*Portuguesa* — Hino nacional.
*Maria da Fonte* — Hino patriótico.
*Soldado de Moçambique* — Canção.

*b)* Músicas indígenas:

*Sia Joina* — Hino.
*Ingue Igoniama* — Canção.
*Salanini ba Makueru* — Canção.
*Kulelany Ka Yehova* — Canção.
*Hina hi ma Africano* — Canção-marcha.

*B)* — Orfeão a 4 vozes:

*a)* Música portuguesa:

*Romeiros que passam.*

Direi, todavia, que, em conseqüência da já citada dificuldade na emissão das tonalidades menores que, entre os indígenas da Colónia, são ainda desconhecidas, o Hino Nacional é todo executado em tom maior, o que, estando tècnicamente certo, não deixa de ser bastante interessante, embora não exprima, apenas, a intenção do autor.

Mas a apresentação na Metrópole de um grupo orfeónico de soldados indígenas é, sem dúvida, uma bela demonstração não só do grau de aperfeiçoamento da instrução militar em Moçambique, como também da acção civilizadora dos portugueses e do muito interêsse de Portugal pela educação dos indígenas do seu Império Colonial.

Lourenço Marques, 15 de Abril de 1934.